



Linguagem ou Poética?

Professor Dr. **ISAAC A. CAMARGO**

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Edição:

v.2 n.4 fevereiro 2021

Periodicidade: quinzenal

Capa: M.C. Escher - “Drawing Hands”, 1948.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

Prólogo

Neste texto exploro o uso de dois conceitos em Arte Visual: o de *Linguagem* e o de *Poética*. A meu ver, o conceito de Linguagem está atrelado a ideia de codificação, tomado da Linguística e dos estudos da língua e linguagem a partir da palavra falada ou escrita, por isto considero limitado seu uso nas manifestações da Arte Visual. Linguagem, em sentido literal, se refere a um sistema de sinais codificados para serem decodificados pelos leitores para obtenção de informações, mas a complexidade da Arte Visual não é redutível a isto.

Ao adotar o conceito de *Linguagem* como um *processo de comunicação* admite-se um sistema baseado em um conjunto de sinais e signos organizados por meio de regras que possibilitam investi-los de sentidos e significados com valores estáveis capazes de serem combinados e recombinaados permitindo que as informações sejam codificadas por alguém e decodificadas por outrem. Isto é o mínimo que se pode esperar de um sistema de linguagem como recurso de interação social.

As Línguas Naturais surgiram da Fala a partir de processos que criaram suas próprias regras. Cada civilização, cultura ou núcleo humano definiu meios para promover a comunicação interativa entre seus pares. Com isto foi possível condensar saberes, dados e informações criando e preservando ideias, valores e conceitos. O surgimento da Escrita converteu a Fala em Registro codificado, para isto, estabeleceu regras de Leitura ou decodificação. Portanto o sistema linguístico precisa ser estável para que as informações não se percam no tempo e entre as gerações.

Quero ressaltar que a Arte Visual não é constante nem estável a ponto de ser entendida como um processo “codificável” e “decodificável” vinculado a um saber restrito de leitura, ao contrário, é um processo dinâmico, contínuo e altamente mutável, especialmente na contemporaneidade. Portanto reduzir os processos constitutivos, propositivos e realizatórios da Arte Visual à códigos é, no mínimo, insustentável para não dizer inadequado ou simplista.

Um olhar conservador admite chamar aos fazeres artísticos de Linguagem, já que muitas obras do passado representavam o ilustravam fatos e eventos míticos ou históricos, contudo, tal entendimento é uma concessão ou “figura de linguagem” para “facilitar” o entendimento reduzindo a complexidade dos procedimentos artísticos a modos previstos de antemão, aceitos ou limitados pela tradição por meio de regras e condutas prescritas por meio de tipos canônicos já consagrados e aceitos.

Pode-se pensar ainda que *Linguagem* seria, em última instância, a tradução livre de *técnicas*, ou seja, procedimentos demarcados e previamente reconhecidos no contexto da tradição com alto grau de previsibilidade. Por exemplo, quando se fala em Pintura a óleo, já se sabe de antemão quais materiais, instrumentos, técnicas e procedimentos esperar de quem a realiza. Pode-se dizer o mesmo de Aquarela, de Escultura, de Gravura, ou seja, os nomes tradicionalmente reconhecidos como técnicas podem ser nomeados como “Linguagens”.

Esta “nomeação” a meu ver reflete uma atitude conservadora que tende a obliterar o sentido ou a essência da criação artística, destituindo-a de sua potencialidade, autonomia, liberdade e dinâmica própria. Por inferência pode-se deduzir que o domínio de uma linguagem é entendido, em geral, como um domínio técnico e isto leva a outro problema, no senso comum, que corresponde à ideia de que desenhar bem, pintar bem, modelar ou esculpir bem são atributos do artista, ou seja, sua linguagem.

O desenvolvimento dos estudos da Linguística, especialmente aqueles que enveredaram pelos caminhos da Semiótica e da significação, conseguiram ampliar o conceito de Linguagem a ponto de abranger diversas acepções conceituais linguísticas e não linguísticas. Os conceitos de Sinais e Signos passaram a ser entendidos de muitos modos por diversas linhas semióticas e, cada uma, aborda a Linguagem de modo próprio. Mas não são dedicadas exclusivamente aos estudos da Arte.

A base da linguagem erudita concebe uma formação artificial de sinais, signos, cuja estrutura se organiza por meio de combinatórias com sintaxe ordenada por uma gramática no intuito de promover a apreensão e conservação de aspectos semânticos relacionados aos sentidos e significados. A linguagem fonética ocidental converte os sons em sinais/signos unitários e em sílabas. Formando um conjunto de signos sonoros que podem ser articulados para formar palavras dotadas previamente de significados vocálicos criando um vocabulário.

Os arranjos vocálicos geram frases às quais são relacionados a significados cuja função é produzir sentidos. Obviamente estes sentidos construídos são arbitrários, ou seja, definidos em cada cultura pelo seu uso e aplicação, logo é um código fechado com alta previsão e inteligibilidade. Neste sentido ao utilizar o conceito de Linguagem no campo da Arte o risco é transformar as manifestações Artísticas em meros exercícios de combinatórias a partir de linhas, cores, texturas e todas as outras características formais.

Não se espera que a Arte Visual se transforme em código formal cujos sentidos e significações possam ser “traduzidos” literalmente. Talvez os estudos Linguísticos e Semióticos tenham contaminado um pouco o campo da Arte Visual e facilitado o uso da ideia de linguagem como um recurso para explicar as variações ou modalidades expressivas neste campo, mas continuo dizendo que tal uso não corresponde às características da produção artística devido ao potencial de expansão de suas fronteiras conceituais e estéticas.

Não se pode ignorar a vocação para a liberdade expressiva da Arte Visual, ao mesmo tempo é necessário admitir que não há mais limites precisos entre suas diferentes modalidades como, por exemplo, entre a Pintura ou o Desenho ou a Escultura ou outros meios de manifestação visual, logo, *Linguagem* é algo limitado. Reforço que trato apenas da Arte Visual pois a Música, na sua visão tradicional, por exemplo, utiliza um sistema de notação que pode ser entendido como Linguagem, embora também não seja. Assim, um músico pode “ler” e reproduzir qualquer obra codificada sob tais parâmetros.

O mesmo pode ser dito do texto teatral onde há as chamadas didascálias, notas autorais que acompanham o texto para orientar os atores como tais falas devem ser expressas. Mesmo assim, isto não é linguagem. O mesmo acontece na dança com as coreografias que são orientações dos passos e evoluções indicadas pelo autor, o que também não se configura como linguagem, embora sejam orientações para a execução de uma peça. É uma espécie de para-linguagem.

Na Arte Visual, ao contrário, desde finais do século XIX a questão da imitação ou representação do mundo visível foi contestada. Várias ações, intervenções, instalações e performances passaram a ocupar o campo da expressão visual e recorrer a novos modos de criação. Em consequência disso tanto a apreciação quanto a nomeação, entendimento e participação se afastaram da normatização, então, como defender uma Linguagem se os processos se mesclam, hibridizam e sincretizam?

Hibridismo e Sincretismo.

A partir do Modernismo as fronteiras e distinções entre as diferentes modalidades de expressão artística deixaram de ser tão claras. As experimentações que potencializaram as pesquisas em Arte a partir do Modernismo também dificultaram a classificação ou categorização das manifestações artísticas oriundas dos gêneros ou convenções anteriores. O inusitado também se torna Arte. Cada manifestação ou proposição é autônoma.

Um dos marcos desta transformação foi o Dadaísmo, a partir dele aconteceram modificações substanciais nos procedimentos criativos e na criação de Obras de Arte. Os materiais, técnicas, processos e procedimentos foram subvertidos, alterados, modificados e experimentados de várias maneiras. As fronteiras entre as diferentes modalidades se dissiparam: pinturas se mesclavam com esculturas, esculturas não eram mais esculpidas mas arranjadas, enfim tudo é passível de se transformar em Arte.

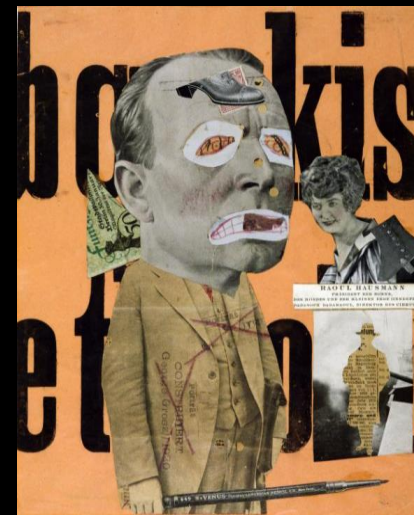
Os Dadaístas definiam seus trabalhos como *antiarte*, ou seja, subverteram o conceito tradicional de Arte dando a ele outro sentido. Apropriações de materiais, objetos encontrados, colagens, montagens, invenções e até mesmo pinturas, desenhos e esculturas passaram a viver em conflito em suas produções. Passaram também a criar e interpretar, performar ações e encenar acontecimentos em seus eventos de tal modo que as fronteiras entre as diferentes modalidades desapareceram.



Max Ernest



Raoul Hausmann



Raoul Hausmann



Francis Picabia

Esta subversão dos gêneros artísticos, das modalidades expressivas mescladas a diferentes processos, dificultava a classificação: seria teatro, encenação, happening ou performance?

Seriam Instalações, mostras ou exposições?

Um objeto seria Pintura, Escultura, apropriação ou o que?

Enfim, pode-se dizer que a partir daí foram realizadas manifestações *Híbridas*, ou seja, algo que integrava coisas que anteriormente não eram colocadas juntas.

A Arte tradicional não admitia que se juntasse uma figura recortada de uma revista a uma pintura ou desenho, seria um sacrilégio! Este sacrilégio foi punido com uma mostra realizada em Munique, patrocinada pelo regime nazista em 1937, chamada de *Arte Degenerada*. Obras de vários artistas modernos foram recolhidas e expostas como motivo de chacota para o público conservador e posteriormente destruídas.



As transformações que passaram a ocorrer na Arte Visual, eram vistas pelo conservadorismo como degenerescência de um processo estável, hegemônico que a Arte havia alcançado desde o surgimento das Academias do Renascimento. Por isto, combater tais transformações era um ponto de honra para os regimes totalitários como os que surgiram do nazismo na Alemanha, do Fascismo na Itália e o Socialismo na União Soviética. Por isto é comum evocar o passado em oposição as transformações na Arte.

Este Hibridismo, Hibridação ou Hibridização instaurou uma quebra ou apagamento das fronteiras entre as diferentes categorias de expressão artísticas de tal modo que hoje em dia tais mesclagens, misturas ou *mix media* não incomodem tanto quanto incomodavam.

Portanto criar Obras de Arte Híbridas não é mais um pecado tampouco uma subversão da ordem estabelecida, já que não se admite mais uma ordem pré-estabelecida para a criação artística... Tudo se cria e tudo se transforma.

Do mesmo modo que as transformações criativas e a criação artística assumiram novas possibilidades e potenciais estéticos e conceituais, os modos de classificar suas manifestações também mudaram. No número 1 de Reflexões tratei das diferenças entre as nomenclaturas da produção artística visual: Belas Artes, Artes Plásticas e Arte Visual. Tais mudanças implicam também em mudanças nos modos de criação e concepção artísticas com o passar do tempo.

Pode-se dizer que as manifestações Híbridas ocorreram a partir das experimentações Modernas, especialmente, a partir do Dadaísmo, como já disse. Contudo, quando é possível falar em Sincretismo?

Primeiro é bom esclarecer que a ideia de Sincretismo não é a que se atribui ao contexto religioso. Sincretismo vem do grego *synkrétismós* e se referia, originariamente, à reunião das várias cidades estado gregas. Portanto uma reunião de diferentes parte numa só unidade.

Sincretismo então se refere à reunião de diferentes elementos na realização de um só objetivo. No contexto da Arte Visual pode-se dizer que é a junção de modalidades expressivas diferentes para criar uma só unidade de sentido. Esta expansão ocorreu a partir do momento em que foi possível unificar, por meio da tecnologia, meios para reunir diferentes elementos de sentido numa só expressão, por exemplo, o primeiro foi o Cinema que reuniu imagem e movimento hoje em dia o Audiovisual que lhe acrescentou o som.

A chegada da fotografia levou as Artes Plásticas a serem chamadas de Artes Visuais e depois o cinema e mais tarde o vídeo confirmaram esta nomenclatura e hoje outras manifestações de caráter tecnológicos como a computação digital possibilita a expansão do termo e sua significação. Portanto o Sincretismo, além do Hibridismo, está presente na Arte Visual contemporânea. Isto implica também na modificação dos ambientes e locais expositivos como galerias e museus criando inclusive Museus de Imagem e Som.

Se as Instalações, Intervenções e Performances Dadaístas já antecipavam novos modos de expressão artística, as tecnologias óticas e depois digitais expandiram e ampliaram tais possibilidades. Hoje em dia há Performances configuradas apenas por computadores, seus programas, projetores e distribuição em rede, em que imagens, movimentos e sons são usados para configurar Obras de Arte Virtuais. Da materialidade à virtualidade, a Arte se transformou numa manifestação etérea...

Tal “eteriedade” já vinha sendo manifesta pela desmaterialização decorrente do afastamento da visualidade reprodutiva ou imitativa do mundo natural e depois do Conceitualismo que se tornou também um elemento da Arte contemporânea. Quando os Dadaístas e depois Marcel Duchamp passou a coletar objetos e atribuir-lhes a condição de Arte, os Ready Made, por exemplo, retiram a fatura técnica e incluem a apropriação e intervenção.

Gradativamente o afastamento dos procedimentos técnicos e das habilidades psicomotoras que regiam a Arte desde sua concepção original, foram se transformando ou migrando para novas tendências e possibilidades em que manipular, manusear materiais, instrumentos e técnicas não é essencial. As novas possibilidades e potencialidades instauradas desde a fotografia até as tecnologias e aparelhos digitais ampliaram tanto o universo das Obras de Arte quanto o número de pessoas que adotaram a posição do artista.

Assim as chamadas “Linguagens” foram sendo deixadas de lado e novas nomenclaturas passaram a ser usadas para explicar e dar compreensão aos novos potenciais e expansões que passaram a caracterizar um novo momento chamado Pós-Moderno. O foco das manifestações artísticas se afastam da representação, da imitação e da visualidade originária do mundo natural e passam a se concentrar no processo, no projeto constitutivo da obra, na proposição estética. Assim revigora-se o termo Poética em sua acepção mais clara.

Poien, Poiésis, Poética.

Para o mundo ocidental parece que não há nada que os gregos não tenham tocado ou pensado originalmente que não tenha chegado até os dias de hoje. *Poien* e *Poiésis* têm origem no Grego Antigo: ποίησις, em português *poíese* e se relaciona ao processo, procedimento, técnica = poética, portanto, Poética se refere e indica a ação de criar ou fazer, portanto termo adequado para nomear os processos e procedimentos artísticos atuais que, em última instância, são processos formativos, realizatórios.

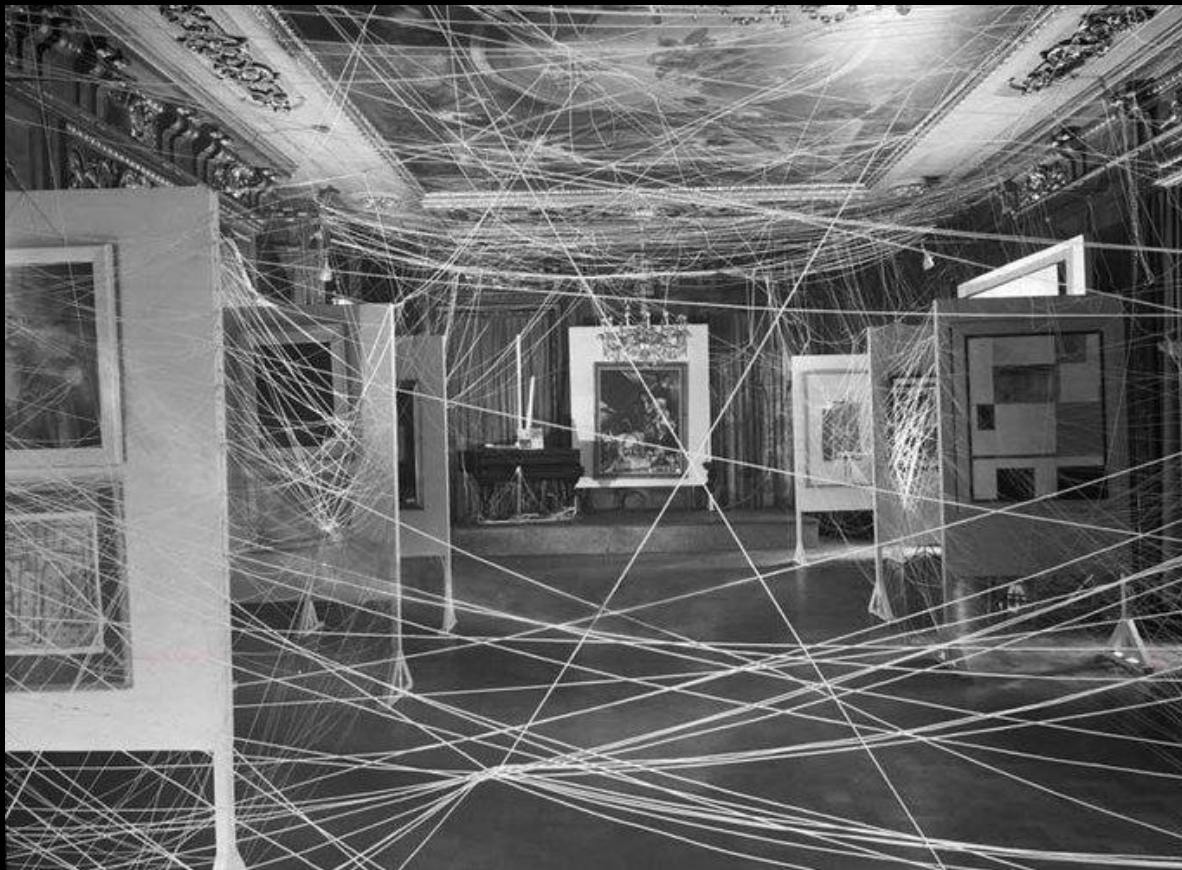
Esta é versão literal de Poética que defendo em oposição ao uso de Linguagem. Esta posição pode ser amparada em autores como Benedetto Croce e Luigi Pareyson que, mesmo em momentos históricos diferentes, recorreram ao conceito de Poética para falar dos procedimentos artísticos. Contemporaneamente o uso de Poética não é estranho aos procedimentos da Arte e normalmente ajudam a explicar suas modalidades expressivas na medida em que se embasam no fazer e não na aparência.

Portanto é possível falar em Poética Pictórica, Escultórica, Gráfica, Fotográfica, Audiovisual, Instaladora ou Interventora, Digital ou Analógica entre outras possibilidades no exercício pragmático do fazer artístico sem se referir apenas às condutas técnicas, mas incluindo nela os processos cognitivos que implicam nestes fazeres. Vale notar que inclui questões como Instalação e Intervenção que são condutas ou procedimentos que não atendem à procedimentos e técnicas convencionais ou regulares mas por meio de problematizações autônomas.

As Proposições são típicas das manifestações artísticas contemporâneas. Sua autonomia consiste no fato de que não seguem condutas, regras, normas, padrões nem técnicas convencionais ou tradicionais como ainda se vê nas manifestações como a pintura, escultura ou desenho, por exemplo. Elas são, em geral, realizadas a partir de projetos específicos concebidos especialmente para cada uma delas. Neste sentido reforço que o conceito de Poética também as contempla, mesmo que os processos artísticos individuais sejam inusitados e não convencionais.

Cada Instalação, cada Intervenção pode ter características específicas e que também podem ser alteradas em cada uma de suas apresentações ou edições, coisas que as manifestações mais convencionais não comportam. Uma pintura ou um desenho realizado num dado momento por um artista não será refeito, retocado ou alterado para uma nova exposição. As manifestações que operam por Conceitos tem sempre maior liberdade de atualização em cada edição. O fluxo de atualização e interatividade que tais proposições proporcionam são seu diferencial.

O universo da Arte Contemporânea é amplo, rico e também complexo. Exige do apreciador, do espectador, maior envolvimento teórico conceitual do que mera apreciação passiva. A compreensão das manifestações artísticas nunca foram isentas de conhecimento correlato ou relacional, mas no contexto contemporâneo a disposição e disponibilidade que se requer do público é muito maior. O grande problema é sempre a falta de formação a que a população está sujeita o que limita seu acesso ao conhecimento sobre Arte.



Milhas de Barbantes, 1942, Marcel Duchamp. Já citei Marcel Duchamp neste texto e volto a ele para falar de Instalação. Esta é uma das primeiras Intervenções espaciais que deram origem às Instalações na Arte Contemporânea, embora sua invenção seja atribuída a Kurt Schwitters. Duchamp foi uma espécie de precursor da Arte atual na medida em que suas proposições definiram novos caminhos para as manifestações artísticas que ocorrem até hoje.



No Brasil, Hélio Oiticica foi um dos primeiros artistas a investir em instalações. Em “Grande Núcleo”, de 1960-66, da série Penetráveis, Oiticica trás as Instalações para o contexto da Arte no país.



“Desvio para o Vermelho”, 1964, de Cildo Meireles, é outra Instalação usada como recurso expressivo por um artista brasileiro.

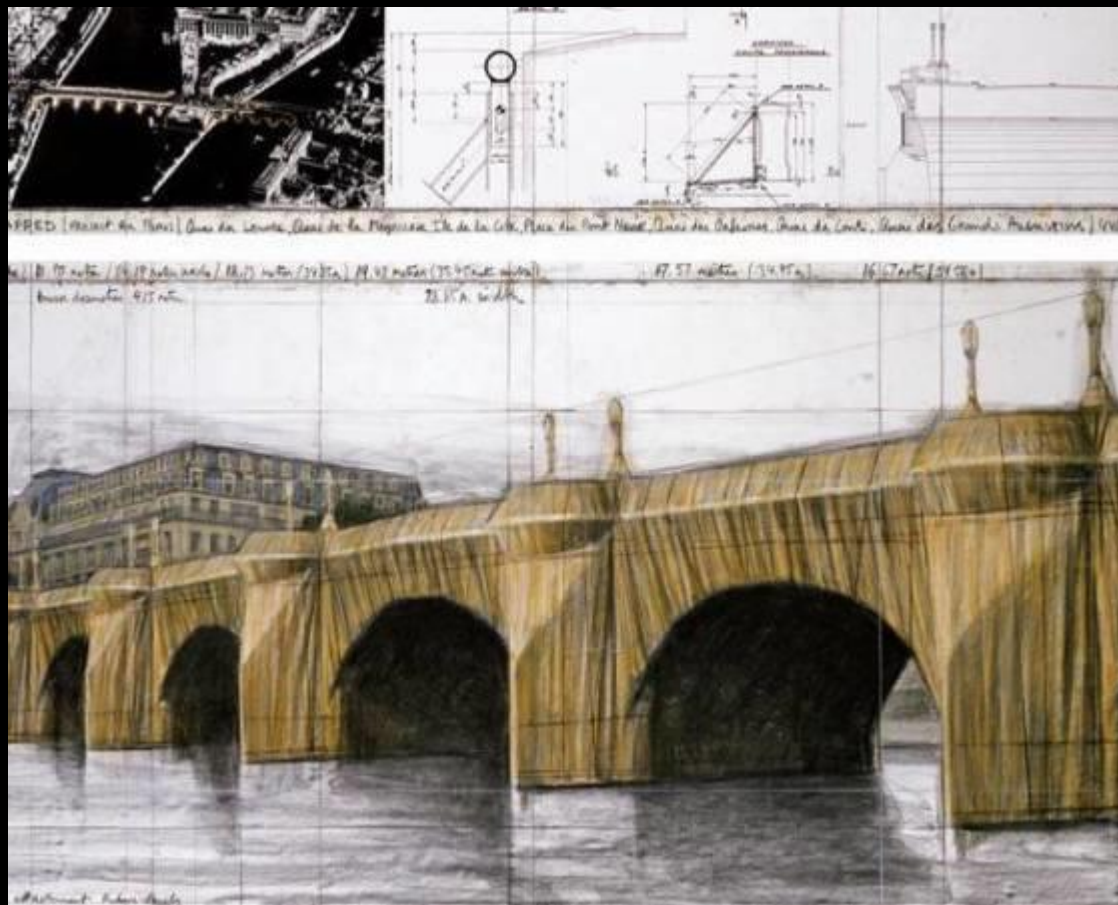
As décadas de 1960-70 tornaram as Instalações, Intervenções, Happenings/acontecimentos, Environmental Art/Arte Ambiental, Body Art e Performances atitudes e manifestações recorrentes naquele contexto que vem ocorrendo até hoje, se desdobrando e alcançando posições cada vez mais significativas na Arte Atual. Recorro a esta estratégia para reforçar que tais proposições não se enquadram como “Linguagens”, justamente pelo que já disse: não há regras para realiza-las.

Iniciei o texto dizendo que o conceito de Linguagem pressupõe ou admite a existência de algumas regras, condutas, processos criativos que podem ser replicados, comparados e consolidados.

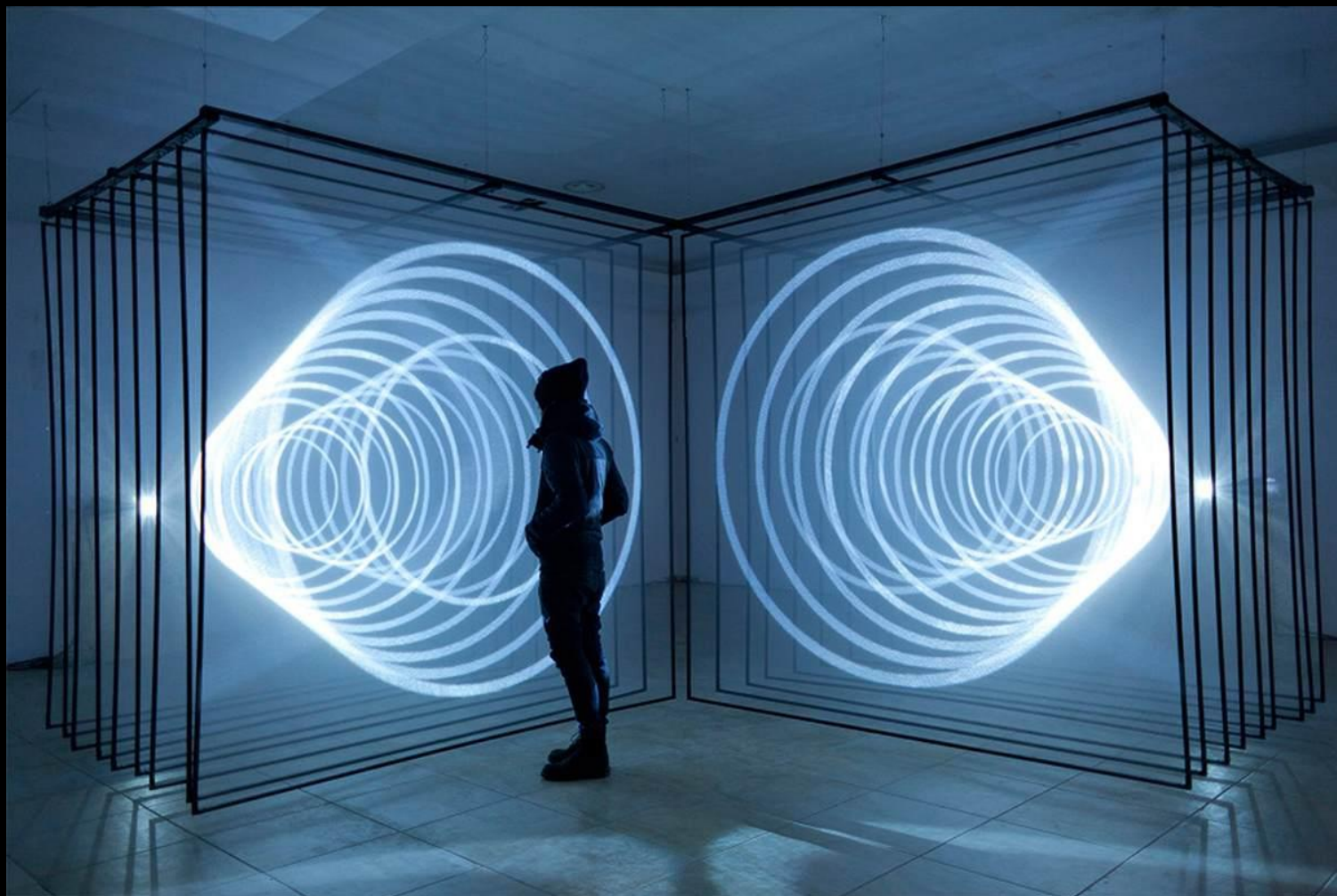
Reexplicando: a Pintura, por exemplo, segue um percurso com uma boa dose de previsibilidade, ou seja, sabe-se de antemão, que uma pintura estará delimitada em alguns procedimentos recorrentes de caráter material e/ou técnico.

É de se supor que exista alguma matéria cromática como pigmentos, tintas, alguma intervenção cromática que justifique ser chamada de pintura. Supõe-se também que haja uma área, superfície ou campo em que tal material cromático esteja distribuído. Admite-se também um procedimento técnico ou o uso de instrumentos e meios para distribuir ou dispersar a cor na área em questão. Não se entende como Pintura as criações Virtuais, pelo menos por enquanto. Enfim, pode-se até admitir que a “Linguagem” envolva este procedimento.

Contudo quando o debate se aproxima da contemporaneidade, fica mais difícil defender que uma Instalação ou qualquer processo interativo com este perfil possa ser classificado como uma Linguagem. Uma instalação, como disse, não comporta condutas previsíveis, basta olhar para cada uma das ilustrações que usei aqui. Neste sentido o conceito de Poética é defensável como a melhor estratégia na consolidação da Linguagem sobre o campo da Arte e aqui Linguagem é uma acepção correta e não uma metáfora.



Para explicar melhor o que digo, observe os dois projetos de Intervenção Ambiental de Christo Javacheff e Jeanne Claude, da Pont Neuf em Paris e do Central Park em NY. Pode-se verificar que as propostas usam recursos materiais semelhantes, embora uma seja diferente da outra, portanto, pode-se dizer que Christo recorre a um processo para Intervenção ambiental, mas não se pode dizer que seja uma “linguagem” de intervenção ambiental.



Ao mesmo tempo não se pode deixar de lado as poéticas tecnológicas contemporâneas, especialmente aquelas que se utilizam de recursos visuais e virtuais chamadas de Poéticas Imersivas. A Daydream V.2, é uma instalação audiovisual criado pelo Nonotak Studio da Lituânia.



Os Artistas Wade Kavanaugh e Stephen Nguyen realizaram uma instalação no Center for Maine Contemporary Art em Rockland que pretende ser permanente, contrariando a tendência de transitoriedade que caracteriza as instalações.

Tomando a poética pelo aspecto da produção, pode-se considerar que todos os procedimentos e encaminhamentos adotados desde a ideia inicial até a realização final se constituem como etapas cuja somatória consolida a proposição. Ao passo que linguagem tende a se referir apenas ao momento da execução técnica da obra na medida em que o domínio técnico é anterior ao processo, ou seja, já teria sido resolvido de antemão.

Neste sentido, a linguagem continua a se confundir com a ideia de técnica, o que não corresponde à Arte atual.

Quem sabe a distinção pretendida neste texto seja apenas uma sutileza pouco útil para a compreensão artística como um todo, contudo, tomado como um tema para reflexão me parece relevante na medida que me leva a questionar e também a abordar outras questões paralelas que ajudam a entender melhor a Arte Visual nos dias de hoje.

Pelo menos é o que pretendi com tal reflexão. Espero ainda que quem tenha tido a paciência de lê-la também possa refletir um pouco à respeito deste assunto.

Ressalvo ainda que as reflexões por mim realizadas dizem respeito a pontos de vista que destaco como exercícios de reflexão sobre o pensamento artístico. Neste caso, podem não obter respaldo ou concordância de quem os lê. Embora seja uma publicação de caráter informativo e autoral, me disponho a expor outras opiniões que, por ventura, surjam. Para tanto, se alguém quiser pode me encaminhar seu texto, dentro das mesmas dimensões e formato para que eu possa publicar. Assim ampliamos o conhecimento.

Agradeço o diálogo.

Enfim, falar sobre Arte é uma das coisas que mais gosto.

E não é apenas uma questão de formação acadêmica ou de atividade profissional já que estes textos não são produzidos com finalidades acadêmicas, mas sim de informação para quem se interessa por Arte Visual e queira buscar estímulos para pensar nela.

Assim continuo dizendo que:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.